

Religieuses de l'Assomption
Maison Générale
17, rue de l'Assomption
75016 PARIS – France
Tel 33 (0)1 46 47 84 56
Fax 33 (0)1 46 47 21 13

Auteuil,
16 de dezembro de 2012

Capítulo de Natal de 2012

Maria da Visitação



No momento em que pensei escrever este Capítulo de Natal, o primeiro, eu estava habitada por todo o processo do **Capítulo Geral**, desde o CGP de 2011 até a experiência de julho de 2012. Foi um caminho de visitação que nos orientou, numa alegre esperança, para o futuro, para os belos encontros e os belos projetos a realizar juntas. Por isso o evangelho que me veio logo ao espírito foi o da Visitação, compreendida como a acolhida da esperança prometida, esperança de uma novidade que já está brotando.

A cena evangélica da **Visitação** nos permite assistir ao encontro de dois mundos, um antigo e outro novo, que   também o encontro de duas mulheres, Isabel e Maria. Sua acolhida mútua é uma celebração, como o preâmbulo da liturgia da nova Aliança, de que Maria é a Arca feliz. Maria e Isabel apresentam a Deus os frutos da fé que elas celebram: o fruto do milagre em Isabel, e o inaudito da **Encarnação** do Filho de Deus em Maria.

Estamos diante de um grande Mistério, o que a Virgem leva em si. Maria Eug nia dizia que   *consolador falar de Nossa Senhora*, e de consolações todos nós precisamos nestes tempos de incertezas, onde o cosmos está perturbado, onde a espiral da violência continua a se desencadear em tantos países e realidades (a guerra na S ria, no Congo Kinshasa, os assassinatos de crianças em escolas dos Estados Unidos e na China...) arruinando os desejos e os processos de paz. Por isso é que é bom acompanhar Maria, mulher de fé, na visita à casa de Isabel.

Maria, mulher de fé

«Feliz aquela que acreditou» (Luc 1, 45), exclamou Isabel, colocando Maria diante do projeto de Deus sobre ela e convidando-nos a contemplá-lo. Neste ano dedicado à fé, tomemos o tempo de olhar Maria, figura de proa da aventura do povo de Deus, herdeira da longa descendência de mulheres e homens de fé que abriram o caminho que vai da terra ao céu. Pela sua fé, ela nos deu o Salvador.

Feliz aquela que acreditou. Maria aceitou o desígnio de Deus, seu desejo de fazê-la colaborar com a vinda do homem novo e da mulher nova, habitantes de uma terra onde reinarão a justiça, a paz, a fraternidade, a solidariedade... Contemplemos como ela se lança em caminhos de comunhão, com o coração vibrando de alegria e de gratidão. Maria, Mãe e Receptáculo da «**Sabedoria**» do Pai, vai ao encontro de Isabel que leva o maior dos filhos dos homens (Mat 11, 11), profeta dos novos tempos, Precursor do Filho do Homem.

Feliz aquela que acreditou: aquilo que lhe foi dito da parte do Senhor há de se cumprir! Isabel não diz «feliz aquela a quem foi dado crer», mas «feliz aquela que acreditou», reconhecendo assim que Maria colocou um ato de fé decisivo. Esta bênção se realizará no quotidiano da vida de Maria, através de alegrias e provações, questionamentos e esperanças...

A fé é um dom, mas é também uma decisão: a decisão de dizer «sim», a decisão de confiar, de acreditar na pessoa que me fala e que espera uma resposta, de crer naquilo que ultrapassa, me causa medo, me desloca, me incomoda talvez. Para Maria, *«a plenitude de graça anunciada pelo anjo significa o dom do próprio Deus; a fé de Maria, proclamada por Isabel, mostra como a*

*Virgem de Nazaré respondeu a esse dom.*¹ Cabe também a nós, portanto, tomar a decisão de crer ou de não crer.

O Evangelho se abre pela fé de Maria, uma fé que se inscreve na longa história começada por Abraão e provoca o espanto maravilhado de Isabel, Sim, Maria é «feliz» porque, por essa fé, permitiu que se cumprisse o desígnio de Deus para a humanidade.

Maria, nossa Senhora do caminho.



Depois da última palavra do Anjo na Anunciação, Maria abandona os questionamentos. Torna-se capaz de largar desejos e projetos, e mesmo de enfrentar o escândalo que poderia ser provocado pela notícia de sua gravidez inexplicável; parte, corre em ajuda a sua velha prima. Não é um convite para

para sairmos de nossas tristezas e de nossos pessimismos consentidos para acolher a alegria de Deus e perscrutar a novidade surpreendente da vida que procura espalhar-se e espera ser partilhada em abundância?

Maria parte, portanto, com pressa para encontrar Isabel. Estava movida pelo interior, sentia-se levada. Sua caminhada torna-se

¹ Redemptoris Mater nº 1.

dançante e alerta. Esse ritmo acotovela nossa imagem costumeira de Maria, mulher do silêncio e da contemplação. Sua relação com Deus, vivida na intimidade do coração, a fez sair dela mesma para ir ao encontro de sua prima. A presença de Deus em Maria move as entranhas de Isabel, fazendo saltar de alegria a criança que ela carrega em seu seio (Luc 1, 44): Isabel por sua vez dança, acolhendo Maria, a Bendita entre todas mulheres, e seu Filho. Em troca, atônita, recebe uma bênção da qual se sente indigna.

O Senhor age em nossas vidas, é presença irradiante. Pois só podemos irradiar aquilo que nos faz viver, aquilo que levamos em nossos vasos de barro. Assim também Maria! Ela já oferece Aquele que vive em seu corpo, e é por isso que ao som de sua voz Isabel é invadida pelo Espírito Santo e seu filho exulta nela. Não é Maria, é claro, que dá o Espírito, mas ela participa de sua vinda em Isabel e em João Batista (Luc 1, 41). Isabel torna-se então aquela por quem o Espírito Santo confessa que Maria é a Mãe do Senhor.²



Maria, primeira evangelizadora

Maria toma depois o tempo de ficar com sua prima, de dar a ela toda a ajuda necessária na espera da vinda de seu filho. Mas o que é que ela fazia junto de Isabel? O tempo que toma, o tempo dado para permanecer é o tempo da atenção e da ação, tempo

² F. Breynaert, citando Mario Marsini, Il saluto di Elisabetta a Maria (Luc 1,42), na revista Marianum nº 58, Roma, 1988, p.138-158.

da presença que permite primeiro «estar com» para perceber o que há que fazer. Tempo da acolhida mútua e da partilha dos sentimentos, tempo da gratuidade, tempo perdido e tempo ganho, tempo necessário para que nossas vidas encontrem sentido e que se construa a **comunhão**. Maria permanece em casa de Isabel para colocar-se a seu serviço e saborear a profunda alegria do dom. Para isso é preciso sentar-se, fazer-se próxima, durar. Não é isso mesmo que contemplamos no Filho de Deus que quis, também Ele, partilhar nossa natureza humana? «*O Verbo se fez carne e permaneceu entre nós*» (Jo 1, 14). O Evangelho não diz se houve um discernimento antes que Maria se lançasse nos caminhos sinuosos das montanhas da Judéia. Mas não tem dúvida que ela sabia por que partia com pressa. Levava consigo uma boa e grande notícia a anunciar. Era a mensageira da **Notícia** das notícias. Não queria guardá-la mais tempo só para ela. Maria vai para a Judéia porque acreditou no que lhe foi dito sobre Isabel. É levada pela alegria até a casa de Zacarias. Seu coração já arde de amor por Aquele que ela concebeu há pouco, Aquele que se tornou sua vida, a **VIDA**.

Primeira evangelizadora, Maria permite a Jesus visitar seu primo João Batista. Leva consigo já a missão de seu Filho e prepara a de seu Precursor. Pela saudação de Maria, João Batista recebe o com do Espírito ao mesmo tempo que sua mãe; então fé e júbilo se misturam em Maria. Ela canta o louvor do Senhor em resposta à aclamação de Isabel. Anuncia e confirma a realização do desígnio de Deus nela, a mais humilde das criaturas: «*O Poderoso fez em mim maravilhas, todas as gerações me chamarão bem-aventurada*» (Luc 1, 49).

Caminhando ao lado de Maria, fazemos a experiência de uma presença vivificante. O menino que Isabel leva em seu seio reconheceu essa presença em Maria, receptáculo e hospedeira do Filho de Deus que veio permanecer em nossa

humanidade. Com Isabel, participamos da celebração da liturgia inaugurada pelo Filho de Maria.

Mas não termina aí: depois de ter levado a sua prima o apoio de que ela precisava, Maria voltou para sua casa, no **silêncio** de seu coração, na vida ordinária, lugar da experiência da misericórdia do Senhor. Modelo de fé e de esperança, ela continua a caminhar conosco sobre as estradas da humanidade, nessa peregrinação que nos conduz para Deus. Como primeira discípula de seu Filho, ela expressa sua fé ao longo da vida, até ao pé da cruz. A vida de Maria não foi só exultação; no entanto, ela viveu plenamente esse momento de encontro, como saberá viver com a mesma plenitude os momentos dolorosos da Paixão de seu Filho. Hoje podemos, pois, tomar o tempo de saborear a mensagem da visitação. Ousemos a alegria apesar de tudo o que acontece nos quatro cantos de nosso mundo, marcado por desastres de todo tipo.

Deixemos Maria nos tomar pela mão, deixemo-nos acompanhar e ensinar por ela. Então, como ela, místicas e profetas, reconheceremos *«no caos aparente e no ritmo acelerado dos acontecimentos, um Kairós, um tempo de Deus do qual temos que aproveitar para oferecer o que somos com humildade, audácia e lucidez. Como não anunciar a vida que nasce, identificar e combater as idolatrias de hoje que obscurecem o rosto de Deus e da pessoa humana, que dispersam e desmoralizam? O mundo precisa de sentinelas que perscrutem o horizonte e reconheçam nesse Kairós a humilde e lenta germinação do Reino.»* (Capítulo Geral, ficha Identidade contemplativa)

Que possamos abrir a porta de nossos corações Àquele que vem, e nossas mãos para receber o dom da Paz!

Vem, Senhor, estamos esperando sua vinda!

Feliz festa de Natal 2012 e santo ano 2013!

Irmã Martine Tapsoba
Superiora Geral